

História do Protestantismo no Brasil

Uma visão panorâmica que percorre desde as primeiras manifestações protestantes no período colonial até o surgimento do protestantismo de matriz brasileira na era republicana — abrangendo cerca de 180 anos de presença evangélica no país.

[Conheça o Percurso](#)

[Contexto Histórico](#)

Nosso Objetivo

Proposta do Texto

Este estudo apresenta uma **visão panorâmica da história do protestantismo no Brasil**, iniciando pelas primeiras manifestações protestantes no período colonial, passando pela implantação definitiva do movimento durante o Império — nas duas modalidades históricas — e chegando ao Brasil republicano, com o surgimento do protestantismo de matriz nacional.

O ponto de interseção histórica adotado é a **Conferência do Nordeste**, realizada no Recife em 1962, último momento de convergência identitária do protestantismo histórico antes do denominacionalismo isolacionista.

Periodização Proposta

1824–1916

Implantação do protestantismo no Brasil

1916–1952

Cooperação pan-protestante e novas teologias

1952–1962

Crise política, politização e pentecostalismo

1962–1983

Repressão, denominacionalismo e isolacionismo

O Que É Protestantismo

O protestantismo é um dos três principais ramos do cristianismo, ao lado do catolicismo romano e das igrejas orientais ou ortodoxas. Por sua amplitude, a categoria suscita debates: onde situar o anglicanismo? A Igreja da Inglaterra resulta da Reforma Religiosa, mas ficou a meio caminho entre Roma e as igrejas protestantes — luteranas e calvinistas. A ala anglicana propriamente dita recusa o título de protestante. Seria mais preciso, portanto, estabelecer **quatro categorias**: romana, ortodoxa, anglicana e protestante.

Luteranismo

Originado de Martin Lutero na Alemanha (séc. XVI). Base da Reforma Protestante. Ênfase na justificação pela fé.

Calvinismo / Reformado

Seguidor de João Calvino em Genebra. Espalhado amplamente pelo mundo em numerosa diversificação denominacional.

Metodismo

Surge como movimento de renovação no anglicanismo (séc. XVIII), enfatizando santidade e responsabilidade social.

Batismo e Congregacionalismo

Guardam os princípios gerais da Reforma, embora frequentemente resistam à categorização direta como "protestantes".

Essas cinco famílias — luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas — multiplicam-se em numerosos sub-ramos que, ao guardar os princípios fundantes, integram o universo do **protestantismo histórico ou tradicional**.

O Que É Ser Protestante

O Princípio da Liberdade

O grande princípio da Reforma é o da **liberdade**. Lutero afirma que o cristão é "senhor livre sobre todas as coisas" e, ao mesmo tempo, "um servo prestativo em todas as coisas". Essa aparente contradição se resolve na ideia de que o cristão não está sob nenhuma mediação humana — relaciona-se diretamente com Deus pela fé. A salvação é individual e a vida religiosa é pautada exclusivamente pela Bíblia, cuja leitura é direta e também não mediada.

Ética e Moral Protestante

O protestante segue a Bíblia como "única regra de fé e prática", cultiva uma **ética racional de desempenho** para a glória de Deus e vive segundo os padrões da moral burguesa vitoriana. A conversão reajustava o indivíduo ao modelo burguês: a preguiça, a ociosidade e os desregramentos morais eram considerados pecados graves.

Dimensão Político-Social

O calvinismo privilegiou as relações sociais e econômico-políticas no sentido **horizontal**, buscando superar toda dependência piramidal ou vertical. Isso significou uma desconfiança permanente das monarquias absolutas em favor das repúblicas democráticas — força que ganhou muito impulso após a independência norte-americana e a expansão protestante no século XIX.

Ideologia Civilizatória

A ideologia norte-americana da inter-relação entre *evangelizar e civilizar* não era exclusiva do protestantismo. O mesmo papel que os EUA se propunham de expandir seu modelo civilizatório já empolgava, na oratória de Antonio Vieira, o velho Portugal seiscentista — ainda que com modelos distintos: o português era vertical e monárquico; o norte-americano, democrático, republicano e contratual.

Contexto Político-Religioso Colonial (1500–1822)

Portugal e o Padroado

Portugal surgiu como nação independente durante a Reconquista (1139–1249). No final da Idade Média, a forte integração entre a Igreja e o Estado na Península Ibérica deu origem ao **padroado real**: entre 1455 e 1515, quatro papas concederam direitos de padroado aos reis portugueses, recompensando-os por derrotar os mouros, descobrir novas terras e ampliar a cristandade.

A descoberta e colonização do Brasil foi, portanto, um **empreendimento conjunto** do Estado português e da Igreja Católica. A coroa forneceu navios, custeou despesas, construiu igrejas e pagou o clero — mas também nomeou bispos, recolheu dízimos e interferiu em quase toda a vida eclesiástica.

Os Jesuítas e a Igreja Colonial

Com Tomé de Sousa (1549) vieram os primeiros jesuítas: Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e companheiros — primeiros missionários e educadores do Brasil colonial. A **Sociedade de Jesus** atuou ininterruptamente por 210 anos (1549–1759), exercendo enorme influência religiosa e cultural. Muitos foram defensores dos índios, como o padre Antonio Vieira; ao mesmo tempo, tornaram-se os maiores proprietários de terras e senhores de escravos da colônia.

Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de todos os territórios portugueses. Com a expulsão, a Igreja tornou-se ainda mais fraca e subserviente ao poder civil. No período colonial, a coroa criou apenas oito dioceses em vasto território — e nenhum seminário até 1739.

Presença Protestante no Brasil Colonial

Nos séculos XVI e XVII, duas regiões do Brasil foram invadidas por nações europeias — França e Holanda — cujos contingentes incluíam muitos protestantes. Isso provocou forte reação lusitana num período de plena Contra-Reforma. O esforço pela expulsão dos invasores fortaleceu a consciência nacional, mas também aprofundou o isolamento do Brasil ao protestantismo.



Os Franceses na Guanabara (1555–1567)

Em dezembro de 1555, Nicolas Durand de Villegaignon chegou à baía de Guanabara. Uma segunda expedição, em 1557, trouxe huguenotes liderados pelos pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier. Em **10 de março de 1557**, realizou-se o primeiro culto protestante das Américas. Divergências teológicas levaram à expulsão dos calvinistas. Três deles foram executados por suas convicções; sua Confissão de Fé da Guanabara (1558) é um dos primeiros documentos protestantes do continente.



Os Holandeses no Nordeste (1630–1654)

Em 1630, a Companhia das Índias Ocidentais tomou Recife e Olinda. O príncipe **João Maurício de Nassau-Siegen** (1637–1644) governou com notável competência, concedendo liberdade religiosa a católicos e judeus. Os holandeses organizaram 22 igrejas, dois presbitérios e um sínodo, servidos por mais de 50 pastores. Foram expulsos em 1654, encerrando a segunda experiência protestante no Brasil colonial.

Igreja e Estado no Brasil Império (1822–1889)

A Constituição Imperial de 1824

Com a independência do Brasil, surgiu a necessidade de atrair imigrantes europeus, inclusive protestantes. A Constituição Imperial, em seu artigo 5º, confirmou o catolicismo como religião oficial, mas permitiu o culto doméstico ou particular de outras religiões em casas destinadas para isso, sem forma exterior de templo. Até a Proclamação da República, protestantes enfrentariam sérias restrições no casamento civil, uso de cemitérios e educação.

Influências Iluministas

Desde o século XVIII, o iluminismo, a maçonaria, o liberalismo político e os ideais democráticos ganharam força entre intelectuais, políticos e sacerdotes brasileiros. Esses movimentos enfraqueceram a Igreja Católica e criaram crescente abertura ao protestantismo. O padre Diogo Antônio Feijó, regente do Império (1835–1837), chegou a propor a legalização do casamento clerical e a convite aos irmãos morávios para educar os índios.

A Questão Religiosa (1872–1875)

O papa Pio IX (1846–1878) intensificou o controle de Roma sobre a Igreja brasileira. O Sílabo de Erros atacou violentamente a maçonaria — num período em que os principais estadistas brasileiros e o próprio imperador **D. Pedro II** estavam ligados às lojas. Isso desencadeou a famosa "Questão Religiosa", confronto sério entre o governo e dois bispos do Norte, D. Vital Maria e D. Antônio de Macedo Costa. O episódio enfraqueceu o Império e contribuiu para a Proclamação da República.

A Questão Religiosa marcou o início da **renovação católica** no Brasil. À medida que afirmava sua autonomia diante do Estado, a Igreja tornou-se mais romana e universalista, tendo de enfrentar simultaneamente a concorrência do protestantismo, do positivismo e do espiritismo.

Protestantismo de Imigração

Em janeiro de 1808, com a chegada da família real ao Rio de Janeiro, o príncipe-regente João decretou a abertura dos portos às nações amigas. Em fevereiro de 1810, o Tratado de Comércio e Navegação com a Inglaterra garantiu aos estrangeiros "perfeita liberdade de consciência" — com a limitação de não fazer prosélitos e não falar contra a religião oficial. As capelas protestantes não poderiam ter forma exterior de templo nem usar sinos.



Até o final da II Guerra Mundial, as igrejas luteranas permaneceram culturalmente isoladas da sociedade brasileira. Contudo, a imigração protestante criou condições fundamentais para a posterior entrada do **protestantismo missionário** — ao pressionar pela legislação de liberdade religiosa que protegeu as missões evangélicas durante o longo reinado de D. Pedro II.

Protestantismo Missionário (1835–1889)

As primeiras organizações protestantes a atuar junto aos brasileiros foram as sociedades bíblicas — Britânica e Estrangeira (1804) e Americana (1816). Nesse período pioneiro, foi decisivo o trabalho dos **colportores**, vendedores de Bíblias e literatura religiosa que percorriam o interior do país.



Igreja Metodista Episcopal

Primeira denominação a iniciar atividades missionárias junto aos brasileiros (1835–1841). Pitts, Spaulding e Kidder fundaram no Rio a primeira escola dominical do Brasil.



Robert Reid Kalley

Escocês chegado em 1855. Fundou a primeira escola dominical permanente (1855) e, em 1858, a Igreja Evangélica Fluminense — a primeira congregação protestante brasileira permanente.



Igreja Presbiteriana

Simonton (1859), Blackford (1860) e Schneider (1861) foram pioneiros. Em 1865, José Manoel da Conceição tornou-se o primeiro pastor evangélico brasileiro. Em 1888, surgiu o Sínodo do Brasil.



Batistas e Episcopais

Os missionários batistas Bagby e Taylor chegaram em 1881–1882, fundando a primeira igreja batista brasileira em Salvador (1882). Os episcopais iniciaram trabalho permanente em 1890 no Rio Grande do Sul.

Igreja e Estado no Período Republicano

A Separação de 1890

O Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890, consagrou a plena liberdade de culto. A Constituição de 1891 confirmou a separação entre Igreja e Estado, proclamou o casamento civil obrigatório e a secularização dos cemitérios. O nome de Deus foi omitido, afirmando o caráter laico do novo regime. Os bispos deram as boas-vindas à República, mas repudiaram a separação.

Renovação Católica

A Igreja Católica reagiu fortalecendo sua estrutura interna, criando novas dioceses, fundando seminários e incentivando a vinda de religiosos estrangeiros — capuchinhos, beneditinos, carmelitas, franciscanos. D. Sebastião Leme (1882–1942) tornou-se o grande líder renovador da primeira metade do século XX, buscando resgatar a influência católica na sociedade brasileira.

O Embate por Direitos

Em 1925, D. Leme propôs emendas constitucionais que dariam reconhecimento oficial ao catolicismo e permitiriam educação religiosa nas escolas públicas. As chamadas "emendas Plínio Marques" enfrentaram a vigorosa oposição de protestantes, maçons, espíritas e da imprensa, sendo rejeitadas. Contudo, mediante decreto de 1930, Vargas permitiu o ensino religioso nas escolas. A Constituição de 1934 incluiu as exigências católicas sem oficializar o catolicismo.

Protestantes e a Nova República

Os protestantes viveram um lento avanço de 80 anos em direção à plena tolerância (1810–1890). A conquista definitiva veio com o decreto republicano de 1890, que assegurou pleno reconhecimento e proteção legal. A **Aliança Evangélica Brasileira**, criada em São Paulo em julho de 1903, representou o primeiro esforço de frente unida evangélica contra o catolicismo triunfante.

Católicos e Protestantes: Tensões e Cooperação

Nas primeiras décadas do período republicano, os protestantes adotaram diferentes estratégias diante da reação católica. O Congresso do Panamá (1916) e a Conferência do Rio de Janeiro revelaram atitudes divergentes: alguns, principalmente norte-americanos, eram favoráveis à aproximação e até colaboração com a Igreja Católica; outros defendiam postura de confronto aberto. A questão do rebatismo de católicos convertidos ao evangelismo também dividiu opiniões.

Comissão Brasileira de Cooperação

Na década de 1920, o Rev. **Erasmus de Carvalho Braga** (1877–1932) liderou a Comissão Brasileira de Cooperação na tentativa de unir as igrejas evangélicas na luta pela preservação de direitos e pelo exercício de testemunho profético junto à sociedade. Esse esforço teve prosseguimento até os anos 1960 na **Confederação Evangélica do Brasil**.

Após 1964, as relações das igrejas evangélicas e da Igreja Católica com o Estado brasileiro tomaram rumos por vezes diametralmente opostos — cujas consequências se fazem sentir até os dias de hoje. O ecumenismo avançaria por algumas décadas até ser suplantado pelo espírito denominacional.

📄 **Duncan Reily observa:** "O ecumenismo no Brasil foi muito mais um projeto dos missionários e das sociedades missionárias do que dos brasileiros" — *História Documental*, p. 233.

Oposição ao Ecumenismo

Além de algumas igrejas históricas, opuseram-se ao ecumenismo os grupos pentecostais, as "missões de fé", as missões indenominacionais e o movimento fundamentalista de **Carl McIntire** (Conselho Internacional de Igrejas Cristãs).

Protestantes Progressistas e Conservadores

Nas primeiras décadas do século XX, o protestantismo brasileiro foi influenciado pelo **evangelho social**, pelo **movimento ecumênico** e pelo **fundamentalismo** norte-americanos. A tensão entre essas correntes moldaria profundamente a trajetória das igrejas históricas brasileiras ao longo de todo o século.

Confederação Evangélica do Brasil

Criada em 1934 pela fusão da Comissão Brasileira de Cooperação, da Federação das Igrejas Evangélicas e do Conselho Nacional de Educação Religiosa. Nos anos 50, criou a Comissão de Igreja e Sociedade, depois Setor de Responsabilidade Social da Igreja.

Conferência do Nordeste (1962)

Realizada em Recife, com o tema "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro". Liderada por Waldo César, Carlos Cunha e Almir dos Santos, foi o último grande momento de convergência identitária do protestantismo histórico.

Conselho Mundial de Igrejas

Surgido em Utrecht (1938) e constituído em Amsterdã (1948). Primeiras igrejas brasileiras filiadas: metodista (1942), luterana (1950), episcopal (1965) e Brasil Para Cristo (1968).

Denominações Históricas: 1889–1964

O período republicano foi de grande expansão e também de crescente tensão interna para as denominações protestantes históricas. Cada tradição enfrentou seus próprios dilemas de autonomia, relação com missões estrangeiras e posicionamento diante das transformações sociais e políticas do Brasil.

Igreja Congregacional

Primeira denominação brasileira inteiramente nacional (sem junta missionária). Em 1913, reuniu-se a 1ª Convenção Geral no Rio de Janeiro. Em 1942 uniu-se à Igreja Cristã Evangélica, separando-se novamente em 1969.

Igreja Presbiteriana

Autonomia formal em 1888. Crise de 1892–1903 gerou a Igreja Presbiteriana Independente. O "Brazil Plan" (1917) organizou a cooperação com missões americanas. Em 1955 surgiu o Conselho Interpresbiteriano.

Igreja Metodista

A Conferência Anual foi organizada em 1886. Em 2 de setembro de 1930, tornou-se a Igreja Metodista do Brasil — a primeira denominação a obter autonomia completa das missões americanas e a filiar-se ao CMI (1942).

Igreja Batista

A Convenção Batista Brasileira foi organizada em 24 de junho de 1907 em Salvador. A "questão radical" dos anos 1920–1925 questionou a dependência financeira das juntas americanas, gerando tensões que marcariam décadas.

Igreja Luterana

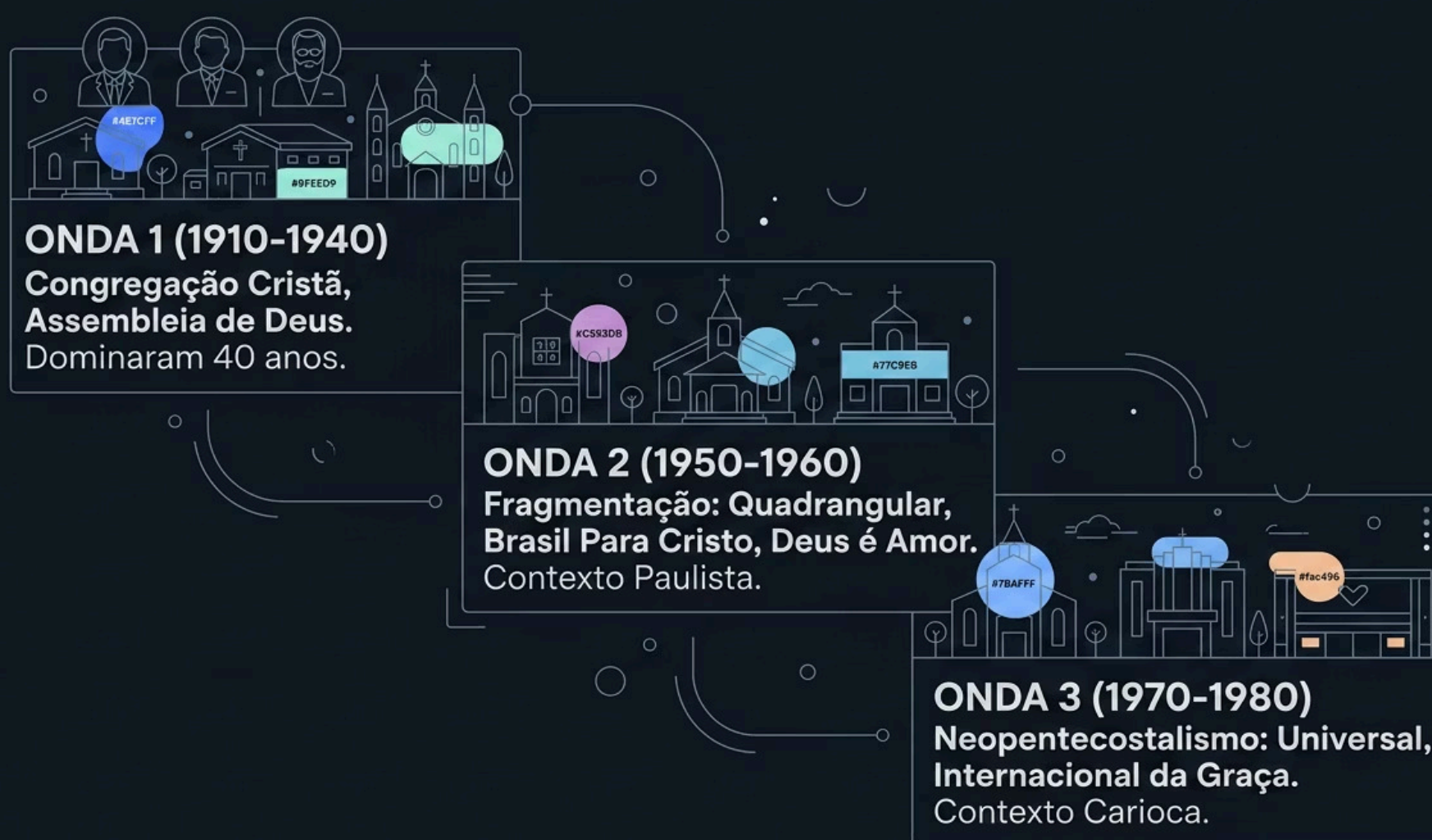
O Sínodo Rio-Grandense (1886) foi seguido de outros sínodos autônomos. Em 1949, uniram-se em Federação Sinodal. Em 1954 adotou o nome IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil).

Igreja Episcopal

Trabalho permanente desde 1890, com Kinsolving como primeiro bispo (1899). Em 25 de abril de 1965 obteve plena emancipação administrativa e tornou-se província autônoma da Comunhão Anglicana.

Igrejas Pentecostais e Neopentecostais

O pentecostalismo transformou radicalmente o cenário religioso brasileiro, expandindo-se em três ondas distintas ao longo do século XX e produzindo uma diversidade eclesial sem precedentes na história cristã do país.



Congregação Cristã no Brasil

Fundada pelo italiano Luigi Francescon (1866–1964), radicado em Chicago. Aderiu ao pentecostalismo em 1907. Em 1910, visitou o Brasil e iniciou igrejas em Santo Antônio da Platina (PR) e São Paulo, entre imigrantes italianos. Em 1940, o movimento tinha 305 casas de oração; em 1950, já eram 815.

Assembleia de Deus

Fundada pelos suecos **Daniel Berg** (1885–1963) e **Gunnar Vingren** (1879–1933), batistas que abraçaram o pentecostalismo em 1909. Chegaram a Belém em novembro de 1910. Seus primeiros adeptos foram membros de uma igreja batista local com a qual colaboraram inicialmente.

Igreja Universal do Reino de Deus

Fundada por **Edir Macedo** (nascido em 1944). Após 16 anos na Loteria do Estado, deixou o emprego em 1977 para fundar sua própria igreja. No mesmo ano surgiu o nome IURD e o primeiro programa de rádio. Em 1990 a IURD elegeu três deputados federais e adquiriu a Rede Record de Televisão.

Igreja Deus é Amor

Fundada por David Miranda (nascido em 1936) em 1962, em Vila Maria, São Paulo. Em 1979, adquiriu a "sede mundial" na Baixada do Glicério — o maior templo evangélico do Brasil, com capacidade para dez mil pessoas. Em 1991 afirmava ter 5.458 templos e estar presente em 17 países.

A Conferência do Nordeste (1962)

"A Conferência do Nordeste foi, antes de tudo, grande esforço neste sentido: levar a Igreja a falar a linguagem da época em que vivemos e a encontrar-se com a sociedade brasileira." — **Waldo César**, Introdução aos Anais da Conferência, 1962

O Contexto e a Proposta

A Conferência do Nordeste, realizada de **22 a 29 de julho de 1962** no Recife, com o tema "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro", já incorporava crítica ao modelo desenvolvimentista. Para os seus mentores — entre eles o leigo presbiteriano **Waldo César** e o professor **Richard Shaull** —, o Brasil vivia um processo revolucionário diante do qual as igrejas não poderiam se omitir.

A agenda combinava dois aspectos: de um lado, análise de conjuntura por sociólogos e economistas (Gilberto Freyre, Celso Furtado, Paulo Singer); de outro, propostas teológicas convocando as igrejas para sua responsabilidade histórica — representadas por pastores luteranos, metodistas, presbiterianos e episcopais.

Repercussão e Legado

Todas as igrejas históricas do protestantismo nacional estavam representadas, realizando a utopia unionista da Confederação Evangélica. A conferência teve repercussão nacional e internacional, causando grande impacto interno nas igrejas. Mas as forças ideológicas e políticas logo se desencadearam — o jovem teólogo **Rubem Alves**, presente na conferência, denunciaria anos depois, em artigo célebre, as contradições do protestantismo latino-americano entre função ideológica e possibilidades utópicas.

A situação agravou-se com o golpe militar de 1964, a chegada de novas teologias e a intensificação do conflito entre fundamentalismo e ecumenismo. A Conferência do Nordeste ficou como o **último momento de convergência** identitária do protestantismo histórico brasileiro.

Período de Repressão e Isolacionismo (1962–1983)

A década de 1960 foi uma época revolucionária: novas tecnologias, mudanças sociais profundas e o surgimento do tema "esperança" em vários setores da vida intelectual — na filosofia com Ernst Bloch (*O Princípio Esperança*, 1959), na teologia com Jürgen Moltmann (*Teologia da Esperança*, 1968) e no pensamento latino-americano com Rubem Alves (*A Theology of Human Hope*, 1969).

→ **Reação Conservadora nas Igrejas**

O Supremo Concílio da IPB de 1966, em Fortaleza, elegeu Boanerges Ribeiro num movimento de reação conservadora. Multiplicaram-se processos contra pastores e igrejas. Em 1968, seminários presbiterianos e um metodista foram fechados e seus alunos expulsos, eliminando progressivamente a ala liberal.

→ **Teologia da Libertação e ISAL**

Na América Latina, a tese da dependência (Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falletto, 1965–67) e o Concílio Vaticano II impulsionaram setores protestantes e católicos rumo ao engajamento social. A ISAL (Junta Latino-Americana Igreja e Sociedade, 1961) buscou promover a responsabilidade social das igrejas evangélicas na América Latina, publicando a revista *Cristianismo y Sociedad*.

→ **Pressão Fundamentalista e Missões de Fé**

Organizações como o Instituto on Religion and Democracy (IRD, 1981), fundado por Michael Novak, resistiram à linha progressista das igrejas. A Campus Crusade for Christ (Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo) e a ABU (Aliança Bíblica Universitária) disputavam a juventude universitária protestante. O Pacto de Lausanne (1974) tornou-se símbolo do evangelicalismo conservador.

Denominações Históricas Após 1964

O golpe militar de 1964 e o Concílio Vaticano II (1962–65) foram os dois eventos cruciais que moldaram a trajetória das igrejas históricas nas décadas seguintes. As igrejas dividiram-se internamente entre aquelas que cederam à pressão conservadora e as que mantiveram um olhar crítico sobre a realidade social.

Igreja Presbiteriana (IPB)

Em 1972, rompeu com a Missão Brasil Central. A reação conservadora do Supremo Concílio de 1966 levou à multiplicação de processos contra pastores e igrejas. Em 1978, surgiu a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP) como grupo dissidente.

Igreja Batista

Caracterizou-se por forte ênfase evangelística. Billy Graham pregou no Maracanã durante o X Congresso da Aliança Batista Mundial (1960). Em 1965, a Campanha Nacional de Evangelização com o lema "Cristo, a Única Esperança" foi a resposta eclesial ao golpe de 1964.

Igreja Metodista

Nos anos 70, investiu na educação superior: surgiu o Instituto Metodista de Ensino Superior e, em 1975, a Universidade Metodista de Piracicaba (fundada em 1881). Em 1982, o Plano Nacional de Educação Metodista deu ênfase ao Reino de Deus e à teologia da libertação.

Igreja Luterana (IECLB)

Em 1968, os quatro sínodos integraram-se definitivamente na IECLB. No VII Concílio Geral (1970), foi aprovado unanimemente o "Manifesto de Curitiba", documento de posicionamento político-social entregue ao presidente Emílio Médici.

O Protestantismo Brasileiro em Perspectiva

Protestantismo no Brasil

Por que preferir "protestantismo no Brasil" a "protestantismo brasileiro"? Embora as religiões universais sempre assimilem traços das culturas locais, o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou plenamente com a cultura nacional. Continuou sendo um protestantismo norte-americano ou europeu, com suas matrizes denominacionais e dependência teológica de origem.

O mesmo vale para o luteranismo: apesar de proceder de vertentes geográficas diferentes, mantém seu vínculo com o centro mesmo da Reforma Luterana — a Europa alemã.

Três Grandes Correntes

1

Protestantismo de Imigração

Comunidades de imigrantes europeus (principalmente alemães luteranos) que preservaram identidade cultural e religiosa. Em 1930, somavam cerca de 300 mil filiados.

2

Protestantismo de Missão

Resultado da atividade missionária norte-americana e britânica junto à população brasileira, formando as igrejas presbiterianas, metodistas, batistas, congregacionais e episcopais.

3

Protestantismo Pentecostal

Movimento de origem nacional e internacional que, a partir de 1910, transformou radicalmente o campo evangélico brasileiro, culminando no neopentecostalismo das décadas de 1970 e 1980.

Conclusão

Uma breve história do protestantismo brasileiro não permite abarcar todas as ramificações surgidas nos últimos anos no país. Ao longo de cerca de **180 anos**, o movimento protestante no Brasil percorreu uma trajetória complexa: das primeiras tentativas coloniais dos huguenotes e holandeses, passando pela implantação das missões no século XIX, chegando ao florescimento denominacional do período republicano e à explosão pentecostal e neopentecostal do século XX.



Anos de Presença

Trajetória desde as primeiras missões do séc. XIX até o Brasil contemporâneo



Igrejas Holandesas

Organizadas durante os 24 anos de dominação holandesa no Nordeste (1630–1654)



Anos Jesuítas

Atuação ininterrupta da Companhia de Jesus no Brasil colonial (1549–1759)

O grande desafio permanente foi e continua sendo a relação entre identidade teológica e engajamento social, entre denominacionalismo isolacionista e vocação ecuménica, entre fidelidade às origens reformadas e encarnação na cultura brasileira. As igrejas neopentecostais, emergindo a cada instante como movimentos que ditam novas regras, mostram que o campo evangélico brasileiro permanece dinâmico, plural e irredutivelmente vivo.